

EXTENSÃO CONTEMPLATIVA INTERNACIONAL

Oración Centrante Uno 20025

Semana 26

O PERDÃO

O EXEMPLO DE VIDA DE JESUS (1)

O amor aos inimigos parece uma loucura e, certamente, supõe-se que assim o seja. Jesus formula-o deliberadamente como um paradoxo irônico – amar aos que normalmente odiávamos – para provocar em nós uma forma radicalmente nova de compreender a justiça e de manejar o conflito. Jesus tem toda a intenção de nos fazer perder o equilíbrio, de nos sacudir para que vejamos as coisas a partir de uma perspectiva radicalmente diferente.

-Derek Flood, Disarming Scripture (Desarmando as Escrituras)

Até agora temos explorado os ensinamentos de Jesus sobre o amor aos inimigos. Vejamos agora como ele viveu esta mensagem na sua vida diária. Começemos com o caso da mulher surpreendida em adultério (João 8,1-11):

Dirigiu-se Jesus para o monte das Oliveiras. Ao romper da manhã, voltou ao templo e todo o povo veio a ele. Assentou-se e começou a ensinar. Os escribas e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher que fora apanhada em adultério. Puseram-na no meio da multidão e disseram a Jesus: Mestre, agora mesmo esta mulher foi apanhada em adultério. Moisés mandou-nos na lei que apedrejássemos tais mulheres. Que dizes tu a isso? Perguntaram-lhe isso, a fim de pô-lo à prova e poderem acusa-lo. Jesus, porém, se inclinou para frente e escrevia com o dedo na terra. Como eles insistissem, ergueu-se e disse-lhes: Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra. Inclinando-se novamente, escrevia na terra. A essas palavras, sentindo-se acusados pela sua própria consciência, eles se foram retirando um por um, até o último, a começar pelos mais idosos, de sorte que Jesus ficou sozinho, com a mulher diante dele. Então, ele se ergueu e vendo ali apenas a mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor. Disse então Jesus: Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar.

No capítulo 7 de São João, justamente anterior a este texto, diz que as autoridades religiosas buscavam Jesus para matá-lo e ele sabia disto. Havia um complô de massas (mobbing) para assassiná-lo, mas era importante buscar razões para justificar a ação ante seus próprios olhos e dos demais. Isto é característico da violência de massa: a justificativa por meio da lei ou de ditados da sociedade. Para conseguir tal propósito, passaram a observar os passos de Jesus e a criar armadilhas para ter do que acusá-lo.

Decidiram então trazer-lhe uma mulher surpreendida em adultério com o duplo propósito de castigar a adúltera, aplicando a lei da justiça retributiva da lei mosaica e, ao mesmo tempo, ver a

atitude de Jesus diante de um dilema. Se ele dissesse que a mulher não deveria ser apedrejada, estaria em oposição direta a Moisés, mas se consentisse que a apedrejassem, estaria violando seu próprio ensinamento de amor e perdão incondicionais.

Jesus estava familiarizado com a ira dos fariseus e costumava responder aos ataques pessoais de maneira firme, mas sempre sem violência, nunca respondendo com outra agressão. Um de seus mecanismos preferidos para abaixar o tom do conflito era retirar-se, escapulir, sair da situação (Lucas 4,30; João 10,39). A sua hora ainda não havia chegado. Em nossa cultura, algo semelhante seria símbolo de fraqueza e covardia, especialmente no caso de um homem. A sociedade respeita aqueles que enfrentam aos outros de frente. Jesus, nosso Mestre, nos mostra um caminho diferente. Seu ensinamento e seu exemplo eram claros e corajosos (tão corajosos que eventualmente custaram-lhe a vida), mas ele não possuía o desejo egoico de fazer alarde de sua força e coragem. Ele sabia quando era prudente retirar-se e assim o fazia. Este é um bom exemplo para todos nós.

Agora, no caso da mulher adúltera, retirar-se era impossível. Se o fizesse, ele estaria abandonando a acusada em seu momento mais crítico. Não se tratava agora, portanto, do perigo que corria sua própria vida, mas a necessidade de salvar a vida de outra pessoa. Jesus compreendia o fenômeno do contágio coletivo da violência e agiu prudentemente.

René Girard faz uma interpretação brilhante desta cena. Se Jesus olhasse nos olhos de seus oponentes, eles poderiam interpretá-lo como um gesto de desafio e começaria o apedrejamento. O importante neste momento era abaixar o tom, não dar a mínima impressão de represália. *O essencial era impedir que fosse lançada a primeira pedra, pois uma vez lançada a primeira pedra, as demais seriam lançadas impulsivamente.* O silêncio de Jesus escrevendo na terra provoca uma breve pausa ao frenético impulso dos fariseus e mestres da lei. Por fim, ao se ver pressionado, Jesus responde com poucas palavras e num tom em nada acusatório ou pessoal: *“Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra.”* E abaixa de novo a cabeça. Jesus, simplesmente, remete-os a que examinem a si mesmos, sem julgá-los e nem condená-los. Pouco a pouco, todos – um por um – deixam as pedras caírem no chão e vão se retirando.

Assim nos diz Girard: *“Ao salvar a mulher adúltera de ser apedrejada, como faz Jesus, impede que se inicie o contágio violento. Começa, por sua parte, outro contágio em direção oposta, um contágio de não-violência. Desde o momento em que o primeiro indivíduo recusa apedrejar a mulher adúltera, ele passa a ser um modelo que foi imitado cada vez mais, até que, finalmente, todo o grupo abandona o plano de apedrejá-la.”*¹

Quer dizer que podemos escolher, guiados por Jesus e o Espírito Santo, entre deixar-nos contagiar pelos violentos ou pelos pacíficos. O contágio e a imitação operam em ambas as direções, para o bem e para o mal. Esta é, precisamente, uma das funções de uma comunidade de fé. Servir de agentes mútuos de paz, amor e perdão. Um dos sinais mais claros de que uma

¹ Girard, René. *I Saw Satan Fall Like Lightning*, p. 57

comunidade de fé perdeu seu rumo é quando em seu interior ocorrem rivalidades, brigas ou tentativas de ataque coletivo a alguma pessoa ou subgrupo. Nós os conheceremos por seus frutos.

Finalmente, Jesus fica sozinho com a mulher. Acontece agora um dos intercâmbios mais lindos de todos os Evangelhos. Relembremos que esta mulher é *verdadeiramente* culpada de adultério, não foi acusada falsamente, não é inocente. Jesus não lhe impõe castigo e nem sequer a repreende. Somente diz a ela: *“Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar.”* Imaginemos qual deve ter sido seu alívio e cura nesse momento, ao escutar estas palavras de misericórdia. Nesta passagem, temos diante de nossos olhos um dos mais claros exemplos de justiça restaurativa dos Evangelhos. O propósito de Jesus não era de condená-la ou castiga-la, mas salvá-la. Não era julgá-la, mas restaurá-la curada à sua vida diária. Em Deus, a justiça e a misericórdia não se opõem, mas são duas faces da mesma moeda. Permitamos que Jesus, nosso Mestre e modelo, nos guie com seu exemplo de vida.

Para praticar nos próximos dias:

1. Quantas vezes você recebeu este perdão restaurativo e a infinita misericórdia de Deus? Lembre-se das ocasiões. Seja claro. Dê graças ao Senhor. Você oferece a mesma misericórdia aos outros ou tende a julgá-los?
2. Observe as ocasiões em que você se deixou levar pelo julgamento negativo de uma pessoa ou um grupo e se une a eles na condenação (ou crítica) a alguém. Observe cuidadosamente, mas seja misericordioso com você mesmo. Procure se abrir à compaixão eterna de Deus.
3. Pratique a Lectio Divina com a passagem da mulher adúltera. Qual palavra ou frase atrai sua atenção? Rumine-a. Leve-a ao coração e retorne a ela em meio à sua vida cotidiana.

